

A DANÇA ENQUANTO LINGUAGEM EXPRESSIVA

Andréia Alves de Moraes
Keila Márcia de Ferreira Macedo
Cláudia Moraes Rezende
Dayane de Jesus Gouveia
Dayane Silva de Almeida
Fellipe Santos Resende
Flávio Ferreira
Kelvyn Mendes Martins
UFG/Campus Jataí
Comunicação livre
Cultura e processos educacionais

A dança enquanto linguagem expressiva é um grupo de estudos e pesquisa em dança do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás / Campus Jataí, aprovado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós - Graduação (PIVIC/UFG). O grupo tem duração prevista até o ano de 2010, e tem como característica realizar discussões acerca da dança enquanto linguagem expressiva. Os participantes do grupo são acadêmicos do grupo de Educação Física UFG/Campus Jataí e o número de alunos são de no máximo dez. O grupo tem como objetivo elevar o nível de discussões da dança enquanto arte, linguagem e também trazer para o grupo a dança como um possível e rico objeto de pesquisa. Os objetivos são: realizar discussões e estudos acerca da dança desde os primórdios até os dias atuais; e registrar as discussões como método de coleta de dados para o grupo de pesquisa, participando de palestras e eventos onde possamos apresentar nossas discussões acerca da dança enquanto linguagem expressiva. Esperamos adquirir informações variadas mediante os referenciais bibliográficos e discussões coletivas para, posteriormente, consolidarmos este grupo de estudo, no intuito de proporcionarmos maior aprofundamento em relação à dança e sua linguagem expressiva. Temos a intenção, ainda, de averiguar se esta linguagem pode ser conseguida mediante a dança e de tentar procurar explicações que esclareçam nossas inquietações.

Palavras-chave: corpo; expressão corporal; dança.

1. Encontros e desencontros do corpo dançante

Este trabalho se trata de um grupo de estudos e pesquisa em dança dentro da Universidade Federal de Goiás / Campus Jataí, onde abordamos a dança enquanto linguagem expressiva. O trabalho do grupo de estudos é totalmente novo no âmbito da UFG / Campus Jataí uma vez que sempre soubemos da importância e necessidade de inclusão de um grupo de estudos que abordasse a dança em sua amplitude, não só na prática, mas também o seu conhecimento a partir de autores que falam sobre a dança e sua linguagem corporal. Neste ano de 2009 foi possível a concretização deste trabalho em que nosso comprometimento com o grupo de estudos e pesquisa é instigar futuras discussões a respeito da dança enquanto linguagem seja ela expressiva, comunicativa, didática dentre outras. Além de aprendermos a trabalhar como grupo, podendo elevar o nível de discussão da dança enquanto arte, linguagem e também trazendo para o grupo a dança como um possível e rico objeto de pesquisa.

O grupo de estudos e pesquisa teve início no mês de abril de 2009, o número de integrantes ficou restrito a 10 alunos, uma vez que, um grupo de estudos não comporta um número elevado de participantes. O grupo é composto por alunos do curso de Educação Física da UFG / Campus Jataí onde um percentual de interesse em participar do grupo foi de aproximadamente 90% dos alunos do 1º período do curso e os outros 10% ficaram divididos entre os outros períodos. Os encontros são feitos duas vezes por semana às terças e sextas-feiras com tempo de aproximadamente uma hora as terças e uma hora e meia às sextas.

Em relação aos conteúdos explorados no grupo, nós começamos abordando a área da antropologia do corpo, isso porque antes de falarmos sobre a dança em questão se faz necessário entendermos o que é o corpo, como se manifesta qual sua concepção através do tempo, como reage a diferentes estímulos, como o corpo é visto no seu cotidiano, enfim, falar de dança é falar do corpo, e antes de entendermos sobre a dança faz-se relevante obtermos o conhecimento e o aprofundamento acerca do corpo, não um corpo sozinho, mas inserido em culturas variadas. Por essa razão coube a nós estudarmos o corpo que é construído no contexto cultural e social onde vive sendo produzido nas relações que ali se estabelecem na medida em que os significados culturais que cada grupo social estabelece para si. Inscrevem no corpo possibilidades de re-definição seja ele considerado bonito ou feio, magro ou gordo, apto ou inapto. Fez-se necessário analisarmos a simbologia do movimento, pois, o movimento enquanto linguagem está carregada de significados que traduz determinados símbolos sendo considerado um elemento constitutivo da cultura. Laban (1978, p. 32) diz que, “o corpo é nosso instrumento de expressão. Por via do movimento, o corpo age como uma orquestra na qual cada seção está relacionada com qualquer uma das outras e é uma parte do todo. As várias partes podem se combinar para uma ação em concerto ou uma delas poderá executar sozinho certo movimento como solista”.

Nos primeiros encontros do grupo tivemos certa dificuldade em lidar com os participantes, isso porque as maiorias dos integrantes haviam acabado de entrar na universidade e não passaram por disciplinas como Antropologia do Corpo e Metodologia do ensino e pesquisa em dança, levando-os a dificuldade de compreensão de entender o corpo que antecede a o estudo sobre a dança, barreira essa que foi quebrada com muito diálogo e estudo dos textos escolhidos. Os encontros do grupo de estudos tem sido de grande sucesso, principalmente pela boa participação dos integrantes, que são ativos o tempo todo nas discussões acerca dos temas selecionados, acreditamos que essa conquista é ainda maior por se tratar de alunos em sua maioria vindos do 1º período do curso de Educação Física/ Campus de Jataí/ Universidade Federal de Goiás.

Nossos encontros têm abordado a forma dinâmica do homem ver o mundo, modificando a cultura através da história, a agregação de sentimentos e valores em objetos concretos. Todo nosso trabalho até hoje com o corpo tem envolvido de forma completa o sistema capitalista, a manipulação do homem e de seus corpos, o esquecimento do corpo para uma crescente mecanização o que gera uma grande perda da sua corporalidade. Gonçalves (1994, p. 17) afirma que:

[...] no trabalho, a manipulação do corpo foi, progressivamente, assumindo proporções cada vez mais graves, com a expansão do sistema capitalista e com o desenvolvimento da tecnologia: os movimentos corporais tornaram-se instrumentalizados, como por exemplo, na indústria, ao dissociar os movimentos corporais em partes isoladas para aumentar a produção.

A chamada sociedade moderna industrial tem meios eficazes de “moldar” as pessoas, nisso acreditamos que é a chamada mídia que aliena as pessoas em massa. A mídia impõe idéias prontas e acabadas, dessa forma os telespectadores que assistem TV (digo a televisão por ela é acreditar que é o meio de comunicação mais acessível à população) vão se tornando indivíduos acríticos, acomodados. Percebemos que o contrário disso, ou seja, quem se torna crítico na sociedade, questionador, quem não aceita idéias prontas acaba sendo visto como “excluídos”, arrogantes, a margem da sociedade. Acreditamos que o sistema capitalista em que vivemos não quer ser questionado, não abrindo espaços para perguntas e entendimentos, o mundo de hoje cheio de tecnologias modernas que facilitam o nosso dia-a-dia influencia e acaba deixando o corpo passivo, e a mente sem tempo para pensar e refletir.

Em nossas discussões vimos que as tecnologias trazem benefícios e malefícios para a sociedade, como este último citado pode ser destacado o individualismo e o sedentarismo que só tende a crescer entre nós. O sedentarismo leva as pessoas ao não movimento, a não expressão, o emocional fica introvertido causando o estresse, a depressão, que modernidade é essa em que o homem acaba sendo vítima da tecnologia? Para Gonçalves (1994, p. 25), “a maioria dos “benefícios” traz consigo a ameaça da destruição e constitui-se em melhoria da qualidade de vida apenas para uma pequena parte da humanidade”. Ainda na concepção de Gonçalves (1994, p. 28) ela vem afirmar que, “a moderna tecnologia, com a possibilidade de produção em massa e com o poderoso mecanismo de comunicação, traz consigo a padronização de gostos e hábitos [...] modismos relativos a vestir e tratar o corpo [...]”.

Quando se fala da concepção e entendimento do corpo através dos tempos caímos no dualismo entre corpo e alma, mas que foi a partir disso que começou os estudos e a busca por respostas acerca do corpo, mas foi esse dualismo cartesiano que nos ensinou muito a respeito de nós mesmos. Medina (1990) diz que foi com essa divisão de Descartes que conseguimos atribuir um valor superior do trabalho mental ao trabalho manual. Durante muito tempo o corpo foi visto como um mero instrumento, e o que se estudava era a alma, em detrimento ao corpo. Nesse contexto Medina (1990, p. 54) nos questiona dizendo que, “como falar da alma se excluído o corpo?”.

Em nossos estudos também vimos o corpo na visão de Marx, em que para ele o corpo é associado à idéia de trabalho, e foi a partir de Marx mesmo com os preconceitos das classes dominantes o que permaneceu foi o drama a existência humana. Aos olhos de Medina (1990, p. 58) sobre Marx ele afirma que, “[...] Ele, [...] conseguiu enxergar mais do que os outros. Decodificou os signos sociais. O século XVIII é palco de um mundo em crise de crescimento, em ebulição”. Medina (1990) descreve que de forma indireta Marx revelou os corpos, o resgate do valor, e nesse momento ocorre uma crítica ao sistema capitalista pelo qual a busca pelo lucro acaba transformando as necessidades mínimas de sobrevivência em um trabalho alienado, em que o homem por este trabalho acaba retornando a sua escala animal, perdendo sua essência humana.

Pensamos que não se pode falar em corpo e sua expressão e não falar nos seus signos sociais, o nosso instrumento básico de comunicação é a palavra, nosso signo é a nossa linguagem corporal, a nossa linguagem escrita, linguagens essas que são signos da realidade e da não realidade. A fala e a linguagem parece mais bloquear do que abrir perspectivas para a compreensão do universo. A fala quase sempre oculta uma identidade, a linguagem corporal é ocultada pela fala. Símbolos e signos caminham juntos, sem o signo não há significado e conseqüentemente não há simbologia. O signo é individual (particular), percebemos que nós demonstramos signo e símbolo através do

que fazemos, vestimos, expressamos, o corpo é um símbolo e as expressões passadas pelo corpo são signos.

O modismo é uma linguagem social, pois uma pessoa para ser aceita em um grupo ela precisa necessariamente seguir as tendências do grupo, as ações e as expressões. Nós nos moldamos num mundo cartesiano, nos tornamos passivos, alienados, pois a sociedade nos impulsiona ao comportamento cartesiano de viver. Sendo assim, Medina (1990, p. 66) diz que, “o que o corpo fala é o que o social está falando através do corpo”. O homem cultural tem vários corpos, isso dependerá de onde ele se encontra o homem não é o mesmo em todos os ambientes, no trabalho, na rua, em casa, com os amigos, em cada local e com cada grupo o homem se comporta de maneiras variadas.

Até no presente momento, foram estas as discussões ocorridas no grupo de estudo, levando-nos a aprofundarmos mais sobre este corpo, e direcioná-lo para uma linguagem expressiva mediante a dança, e tentarmos buscar dentro do possível a resignificação deste corpo cartesiano no mundo da dança.

2. Proposta do grupo para o ano de 2009

Nossa proposta em relação há este ano serão atividades para manter organizado todo material referente à pesquisa proposta e viabilizar este material ao grupo que será formado posteriormente para o estudo proposto; agendar junto ao grupo as possibilidades de discussões e estudos acerca da dança desde os primórdios até os dias atuais; registrar as discussões como método de coleta de dados para o grupo de pesquisa; providenciar material didático pedagógico; agendar palestras e participações em eventos onde possamos apresentar nossas discussões acerca da dança enquanto linguagem expressiva; estudarmos especificamente a linguagem corporal, consciência corporal e a expressão corporal em vários estilos de dança; fazermos um paralelo entre o dançar e suas linguagens e elaborarmos nosso relatório final de pesquisa mediante todo nosso estudo e pesquisa durante o ano.

Sentimos a necessidade de colocarmos neste momento como este grupo trabalhou e irá trabalhar, e suas intenções de descobertas. Nossas reuniões acontecem duas vezes na semana, totalizando um tempo de aproximadamente 2h30min semanais. Iniciamos o encontro com o grupo acerca da discussão sobre o corpo e suas manifestações, trabalhamos esse conteúdo durante dezesseis aulas, onde fecharemos esse assunto com uma exposição de vídeos que relatem exatamente o que viemos estudando a respeito do corpo e suas mudanças durante a história. Em seguida entraremos em uma nova etapa dos nossos encontros, onde abordaremos o histórico da dança e seu contexto no decorrer dos anos. Começaremos com estudos de uma dança geral, unindo o que foi estudado do corpo e trazendo para o contexto da dança, do movimentar, onde buscaremos compreender os gestos do corpo através da dança. Para Merleau Ponty (1999), mover o corpo é visar algo através dele. Todo e qualquer movimento tende a nos revelar algo, mesmo que esse movimento seja inconsciente.

No segundo semestre começaremos nossas discussões no grupo nas especificidades da dança, visaremos às diferentes modalidades da dança, como onde e por que surgiu, o estilo de cada uma, o público que a dança atinge, as mudanças que ocorreram com o tempo desde o seu surgimento, como as pessoas que não conhecem cada modalidade interpretam esses estilos. Questionamentos como esse serão feitos em nossos encontros, o entender e compreender da dança em sua linguagem e expressão corporal.

Coletamos nossos dados mediante aos encontros estabelecidos, através das atas descritas, relatando o que acontece e o que é exposto por determinado assunto, onde todos os presentes lêem e assinam. Em cada encontro uma dupla de alunos participantes do grupo é escolhido para direcionar as discussões junto com o mediador do grupo, também é escolhido um aluno para transcorrer a ata no momento do encontro. A dupla que fica responsável pela contribuição da discussão tem que entregar para cada participante uma síntese do que fala o texto trabalhado, ou seja, contamos com documentos em ata, sínteses e documentos do mediador do grupo para a elaboração de trabalhos e pesquisas que venham a surgir no grupo de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto Salomão. São Paulo: Summus, 1978.

MEDINA, João Paulo Subirá, *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas: Papirus, 1990.

MERLEAU PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.